

***História(s) do cerco de Lisboa:* Saramago e os cronistas**

Maria do Amparo Tavares Maleval

RESUMO A autora do artigo compara a novela de José Saramago titulada *História do cerco de Lisboa* coas obras dos cronistas portugueses, nomeadamente Fernão Lopes. Parte, para iso, da evolución do concepto de verosimilitude e do diferente grao de proximidade ás fontes documentais que amosaron os autores ao longo do tempo. Salienta que o Nobel portugués toma das crónicas clásicas unha serie de refráns, cantigas e expresións propias da literatura de transmisión oral, ademais de elevar notabelmente o protagonismo das clases populares, superando os prexuízos relixiosos e ideolóxicos aos que estaban sometidos os autores medievais.

ABSTRACT M A T M compares Saramago's novel *História do cerco de Lisboa* (History of the siege of Lisbon) with the accounts of contemporary chroniclers, principally Fernão Lopes. She concentrates on the evolution of the idea of verisimilitude and varying degrees of fidelity to the sources apparent in authors over time. She points out that the Portuguese Nobel prize-winner takes a number of proverbs, verses and expressions characteristic of oral transmission from the early chronicles, and that he stresses the role of the lower classes, thereby countering the religious and ideological prejudices to which medieval authors were subject.

153

Dentre as muitas formas pelas quais a Idade Média vem sendo revisitada, destaca-se a proporcionada pelo *romance histórico*, no século XIX relacionado à História Positivista e no século XX à Nova História. Para a sua revitalização foi decisiva a publicação de *O nome da rosa*, de Umberto Eco (1980), que conseguiu a façanha de tornar-se um *best seller* sem desagradar a boa parte da crítica especializada. No *Pós-escrito a O nome da rosa* (1984), o autor resumira a sua posição acerca dos limites entre história e ficção, observando ser uma tendência *pós-moderna* o cultivo do *romance histórico*. E desvelava o processo de criação da obra famosa: fundamentando-se em um vasto conhecimento do mundo

medieval, a ponto de considerá-lo seu “imaginário cotidiano”¹, dele promove-
ra uma *reconstrução* possível, em que a prática da intertextualidade e da ironia
seriam os alicerces mais destacados.

O Nobel de literatura José Saramago no próprio âmago dos seus *romances
históricos* questiona os limites entre realidade, história e ficção, denunciando o
papel das ideologias na deturpação dos fatos fixados pela escrita. Consciente,
como Umberto Eco e tantos outros, de que um livro é o somatório de tantos
outros, em *História do cerco de Lisboa* (1989) explicitamente remonta às crôni-
cas ducentistas, se bem que, implicitamente, o cronista-maior quatrocentista,
Fernão Lopes, seja aí uma presença marcante, cujos rastros iremos a seguir
observar.

A própria epígrafe escolhida para iniciar o romance já aponta para um pos-
sível diálogo com a *Crônica de D. João I* de Fernão Lopes, senão pelos aconte-
cimentos que focalizam –aquela remontando à época de formação da “nacio-
nalidade” portuguesa sob a liderança de Afonso Henriques, fundador da
Dinastia dita Agrária, esta à da Revolução que deu origem à Dinastia de Avis,
da Expansão chamada, que confirmou a nacionalidade, face aos interesses de
Castela–, pela preocupação com a Verdade.

Recorramos ao aforismo usado como epígrafe por Saramago: “*Enquanto
não alcançares a verdade, não poderás corrigi-la. Porém, se a não corrigires, não a
alcançarás. Entretanto, não te resignes*”². É evidente que nele o alcance da verda-
de se apresenta de forma paradoxal. Mas a sua busca, e a preocupação com
estabelecê-la correta, apesar do ceticismo, é a lição recomendada.

Outra não é a intenção do Cronista, no Prólogo da citada Crônica, onde se
apresenta como paladino da “simpres verdade”, da “nua verdade”, em detri-
mento da “afremosentada falsidade”³. Mas os estudiosos da retórica sabemos
que *toda argumentação é indício de uma dúvida*. Portanto, já a partir de Fernão
Lopes temos colocada a questão da subjetividade no discurso histórico, reco-
nhecendo ele próprio a parcialidade de seus predecessores, “muito favoráveis

¹ U. Eco, *Pós-escrito a O nome da Rosa*, p. 17.

² J. Saramago, *História do cerco de Lisboa*, p. 9.

³ F. Lopes, *Crônica del-rei D. João I*, pp. 2-3.

no recontamento” dos feitos dos seus senhores⁴. Parcialidade à qual, de resto, ele próprio não conseguiu ficar imune.

O magistério do velho cronista pode ser observado ainda em muitos outros aspectos da obra de Saramago. Por exemplo, na reapropriação de provérbios e cantigas, como:

1. “Quem o seu inimigo poupa, às suas mãos lhe morre”⁵ –máxima que fora citada por Fernão Lopes a propósito da atitude benevolente de D. João de Avis para com os seus traidores, complacência esta muito criticada pelo povo⁶.

2. “Esta é Lisboa prezada, Resguardada, Aqui terá perdição, O cristão”⁷ –ressonância da cantiga entoada pelas mulheres da Lisboa cristã do século XIV, que, também cercada, mas por “cristãos”, era a que segue: “Esta é Lisboa prezada: / mirá-la e leixá-la. / Se quiserdes carneiro, / qual derom ao Andeiro; / se quiserdes cabrito, / qual derom ao Bispo”⁸. Com o cotejo, desvela-se o farisaísmo das guerras “santas”, movidas pela cobiça, não pela fé. Até porque o segundo cerco, entre irmãos, também apresentara como desculpa a questão religiosa, sendo os sitiadores partidários do Papa cismático de Avinhão, na Guerra dos Cem Anos que então dividia a Cristandade.

155

O parentesco com o insigne paradigma desvela-se sobretudo no destaque dado aos “pequenos” no recontamento dos sucessos históricos: sabemos do caráter precursor de Fernão Lopes ao atribuir importância às massas, à “arraia miúda”, nas suas crônicas, denunciando a sua manipulação pelos políticos, como também a força da sua simpatia e do seu partidarismo. Essa força popular, uma vez deflagrada, não pode ser mais contida pelos que desejavam um simples golpe de estado, visando derrubar a regente, Leonor Teles, considerada entreguista. Desencadeia-se, dessa forma, uma revolução, em que se confrontaram a maior parte da nobreza e os “pequenos” que apoiavam o Mestre de Avis, aos quais aderiram os burgueses mercantilistas.

Já o notara Luís de Sousa Rebelo, a propósito dos construtores do Convento de Mafra, tais como Saramago os apresenta no seu outro famoso

⁴ *Id.*, *ibid.*, p. 1.

⁵ J. Saramago, *História do cerco de Lisboa*, p. 22.

⁶ F. Lopes, *Crónica del-rei D. João I*, p. 334.

⁷ J. Saramago, *História do cerco de Lisboa*, p. 69.

⁸ F. Lopes, *Crónica del-rei D. João I*, p. 198.

romance histórico *Memorial do Convento*, apontando o “rol dos obreiros, desdobrado naquele jeito que nos ensinou Fernão Lopes para perpetuar os feitos dos mártires que são os humildes defensores da terra lusitana”, como se fosse “uma ladainha dos pequenos vindos dos quatro cantos do reino”⁹. Destacara igualmente o caráter de oralidade presente na narrativa saramagueana, que assume “o tom conversado do milenário contador de estórias”, servindo-se de todos os recursos da cultura popular, “sem cair em compromissos folcloristas”¹⁰.

Desse modo, Saramago promove o “encontro das duas culturas, a de expressão oral e a literária”, a “fusão dialética dos dois mundos”, o popular e o erudito, no citado romance, como também no que ora analisamos. Da mesma forma procedera no passado o cronista, que, a par de citar as muitas fontes escritas a que recorrera, em vários passos da suas crônicas, principalmente na de *D. João I – Primeira Parte*, demonstra consciência do caráter falado da mesma, como por exemplo ao dizer: “Escrevendo em este passo, sem constranger nenhum que ouça”¹¹, ou “vós todos ouvis, e nenhum não pergunta”¹², etc. E, já o vimos anteriormente, ambos se utilizam dos mesmos provérbios e cantigas correntes na boca do povo.

156

Voltando à preocupação com a verdade, que apontamos como a mais óbvia das aproximações com o velho cronista, vemos que, desde aí, já se coloca uma diferença essencial: se Fernão Lopes, no cotejo das fontes documentais a que procede, nem sempre conclui sobre qual a mais fidedigna; se desconfia, pois, das verdades dos documentos, no entanto não procede, como Saramago, à total iconoclastia, não assume por inteiro uma posição de dúvida, de total desconfiança quanto à possibilidade de alcançá-la (à verdade).

Tal se comprova na epígrafe já lembrada, bem como no acontecimento detonador da fabulação. Trata-se de um NÃO, acrescentado gratuitamente a um texto histórico, modificando-lhe a “verdade”, pelo personagem Raimundo Silva, revisor até então respeitável / respeitador dos textos alheios. O texto alterado é uma história do cerco de Lisboa, “mais uma repetição das mil vezes

⁹ L. S. Rebelo, “Os rumos da ficção de José Saramago”, p. 16.

¹⁰ *Id.*, *ibid.*, p. 12.

¹¹ F. Lopes, *Crónica del-rei D. João I*, p. 55.

¹² *Id.*, *ibid.*, p. 184.

contadas e exaustas histórias do cerco”¹³, a partir da crônica atribuída ao cruzado Osberno. Refletindo sobre o discurso que Afonso Henriques teria pronunciado diante dos cruzados, aos quais pedira a imprescindível ajuda, pensa o revisor que “nunca viremos a saber que palavras disse realmente”¹⁴. Se recorrermos à fonte documental explicitada, veremos que a adesão dos cruzados não fora imediata, e que somente após muita discussão decidiu-se a aliança com o rei para a conquista de Lisboa aos mouros¹⁵.

Após uma série de pensamentos desencadeados pelo assunto –porque imaginativo é o personagem–, acrescenta o NÃO deturpador: “agora o que o livro passou a dizer é que os cruzados Não auxiliarão os portugueses a conquistar Lisboa, assim está escrito e portanto passou a ser a verdade, ainda que diferente...”¹⁶.

Portanto, é óbvia a desconfiança para com o conceito de verdade, bem como o questionamento da fragilidade dos documentos. E não sem razão, uma vez que basta cotejarmos apenas duas fontes primárias da história do cerco para comprovarmos a diversidade das informações. Osberno, que teria sido testemunho ocular, participante, como cruzado, do cerco de Lisboa acentua, por exemplo, a discordância entre os seus pares, a ambição de muitos deles e o conhecimento da sua vinda por Afonso Henriques. Já na *Crónica de cinco reis de Portugal*, ao que tudo indica do século XV, coloca-se como providencial a vinda dos cruzados: “deus fizera mover aquela gente de sua terra para lhe fazer tanta mercê que a cidade de Lisboa fosse tomada”¹⁷. Bem como o seu desinteresse por bens materiais: “eles não vieram àquela terra senão por servir a Deus (...), não queriam haver riquezas nem cidades”¹⁸.

Então, qual seria o papel do escritor na (trans)formação do mundo? Se não é o porta-voz da ideologia do poder, como os cronistas, os valores impostos e as sanções impedem-lhe a promoção da justiça social: “Os revisores, se pudessem, se não estivessem atados de pés e mãos por um conjunto de proibições

¹³ J. Saramago, *História do cerco de Lisboa*, p. 39.

¹⁴ *Id.*, *ibid.*, p. 46.

¹⁵ Osberno, *Conquista de Lisboa aos mouros*, p. 65.

¹⁶ J. Saramago, *História do cerco de Lisboa*, p. 50.

¹⁷ *Crónica de cinco reis de Portugal*, [s.d.], p. 95; modernizamos a ortografia desta e das demais citações da obra.

¹⁸ *Ibid.*, p. 95.

mais impositivo que o código penal, saberiam mudar a face do mundo, implantar o reino da felicidade universal...”¹⁹.

Mas, se Raimundo Silva não poderá mudar o mundo, verá mudado o seu mundo, a partir desse Não essencial. Apesar dos dramas de consciência, do medo da punição, tornar-se-á verdadeiro pelo amor, que encontrará.

Se os documentos históricos não podem ser tocados impunemente, e os romances?... Primeiramente, pensa o personagem, “as ficções que contam, fazem-se, todos e todas, como uma continuada dúvida, com um afirmar reticente, sobretudo a inquietação de saber que nada é verdade e ser preciso fingir que o é...”²⁰. O que era preocupação para o cronista Fernão Lopes é constatação na obra do romancista Saramago. O cronista já fizera mais do que lhe permitia a sua época, apontando para a dúvida, num mundo que ainda não conseguira desvencilhar-se do teocentrismo e das “verdades” absolutas com ele condizentes.

158

Raimundo Silva, apesar da sua transgressão, por causa dos seus bons antecedentes não é punido. E conhece Maria Sara, a nova Chefe dos Revisores, cargo então criado para controlá-los. Maria Sara, como é comum às personagens femininas saramagueanas, caracteriza-se pela integridade, pela segurança, pela força, pela autenticidade. Esta se desvela nos fios de cabelos brancos não tingidos, notados por Raimundo Silva. Este, termina por livrar-se da excessiva preocupação com o julgamento alheio acerca do seu comportamento, da sua aparência. Símbolo da sua modificação é o ato de jogar fora a tinta com que pintava os cabelos, que deseja agora sem disfarces, “para conhecer a sua verdadeira cara”²¹, promovendo o “surgimento da sua verdade capilar nua de artifícios”²².

O namoro desenrola-se mais pela iniciativa feminina que pela determinação masculina. E aqui nos ocorre a lembrança daquele outro par de amantes, Amadis e Oriana, que nos fins da Idade Média já demonstravam quanto pode a graça e a ousadia da mulher...

¹⁹ J. Saramago, *História do cerco de Lisboa*, p. 5.

²⁰ *Id.*, *ibid.*, p. 56.

²¹ *Id.*, *ibid.*, p. 132.

²² *Id.*, *ibid.*, p. 209.

No entretanto, por sugestão de Maria Sara, mesmo pela sua insistência, Raimundo Silva escreve a *sua* história do cerco de Lisboa. Para tanto, diz ter-se baseado na *História do cerco* que estaria a revisar, que por sua vez teria como fonte a *Crônica do Cruzado Osberno*, bem como as de Arnulfo e Dodequino, ou ainda a narração do *Indiculum Foundationis Monaster Sancti Vincentii*, a *Crônica dos cinco reis de Portugal* e a *Crônica de D. Afonso Henriques*, de Frei António Brandão: “Porém, o mal das fontes está na imprecisão de dados...”, na sua proliferação em fontes segundas e terceiras, as que copiaram, as que o fizeram mal, as que repetiram por ouvir dizer, as que alteraram de boa-fé, as que de má-fé alteraram, as que interpretaram, as que rectificaram, as que tanto lhes fazia, e também as que se proclamaram única, eterna e insubstituível verdade, suspeitas, estas, acima de todas as outras²³.

Cotejando a história do cerco que vai sendo composta por Raimundo Silva com os textos de Osberno e Arnulfo, bem como com a *Crônica de Cinco Reis*, e ainda com a *Crônica de Afonso Henriques* de Duarte Galvão, vemos que algumas diferenças essenciais se revelam facilmente. Primeiramente, o NÃO infrator, que deu origem às modificações na vida do personagem e à composição de uma nova história sobre o assunto, tem de ser justificado. E onde buscar os argumentos, senão na divisão dos cruzados quanto a ajudarem o rei na conquista de Lisboa? Esta, aliás, é documentada na narrativa atribuída a Osberno, como vimos, mas não nas demais crônicas, acima citadas. O passo seguinte é examinar, à falta de causas contundentes para a negativa, o discurso do rei, para encontrar-lhe, na arrogância e avareza apostas em sua recriação, o motivo do desagrado. Mesmo assim, o que a nova narrativa consegue é manter a cisão entre os aliados e, portanto, a meia-verdade do NÃO: alguns cruzados não participarão do cerco. Deste modo, fica “mais ou menos conciliado o terminante Não do revisor com o Sim, o Talvez Que e o Ainda Assim de que se fez a história pátria²⁴. E retorna-se ao firmado na fonte primeira.

159

Dentre as muitas pequenas modificações que Raimundo Silva imprime ao seu novo relato do cerco, que percebemos através do seu próprio fragmentado discurso, complementado e interpretado pelo narrador que dele e do seu processo criativo fala, nenhuma é mais significativa que a inclusão de uma história de amor. Mesmo confessando a sua incapacidade para a criação literária,

²³ *Id., ibid.*, pp. 124-5.

²⁴ *Id., ibid.*, p. 180.

o revisor compensa a falta de mulheres na sua vida fazendo-as presentes entre os cruzados. Da mesma forma que a falta de coragem para telefonar a Maria Sara encontra sua compensação no encontro, que cria, entre seus personagens Mogueime e Ouroana²⁵. O destaque dado ao nome desta última novamente nos remete à bem-amada Oriana. Desta difere Ouroana pela sua origem humilde, e pela relação com o “santo” cavaleiro Henrique, que na versão saramagueana a raptara e estuprara, tornando-a sua concubina. Corrói, dessa forma, a aura do cavaleiro sempre pronto a defender as mulheres indefesas, bem como a de mártir milagreiro, construída pela tradição historiográfica –desde inclusive a *Crónica de cinco reis*²⁶–, após a sua morte no cerco.

Por outro lado, o papel de herói e de perfeito amador, pertencente na novela cavaleiresco-sentimental ao nobre Amadis de Gaula, será agora desempenhado por um simples soldado. Nos ombros do alto Mogueime subira o fidalgo Mem Ramires para conquistar Santarém, fato que consta de fontes historiográficas, por exemplo da *Crónica de cinco reis*²⁷, na parte referente a D. Afonso Henriques; esses mesmos ombros se oferecem agora para esteio à tomada de Lisboa, mas a par das reivindicações de igual soldo pago aos estrangeiros, defendendo os “justos interesses pessoais e colectivos”²⁸.

160

A dedicação de Mogueime à mulher amada se inscreve nos postulados da *fin' amors*, e guarda estreito parentesco com o que fora expresso por muitos trovadores nas canções de amor, na *langue d'oc* ou em galego-português. É um amor que se compraz no olhar, que reconhece a superioridade da mulher amada, embora uma simples “barregã”. Mas, mesmo respeitando-lhe a decisão após a morte do seu “senhor”, deseja ele “provar o gosto da vida”, tanto quanto Raimundo Silva. Este, reflete sobre “que semelhanças há entre esse imaginado quadro e sua relação com Maria Sara, que não é barregã de ninguém”; de comum, “apenas o desejo, que tanto o sentia o Mogueime daquele tempo como o está sentindo o Raimundo de agora, as diferenças, que as há, são culturais, sim senhor”²⁹. Da mesma forma que os párias Balthazar e Blimunda foram igualados ao Padre Bartolomeu de Gusmão no *Memorial do Convento*,

²⁵ *Id.*, *ibid.*, pp. 225-228.

²⁶ *Crónica de cinco reis*, pp. 96-99.

²⁷ *Id. ibid.*, p. 88.

²⁸ J. Saramago, *História do cerco de Lisboa*, p. 340.

²⁹ *Id.*, *ibid.*, p. 255.

agora o amor aproxima o obscuro casal medieval do “esclarecido” par do nosso século.

Após declaração mútua de amor (ao telefone), ele se torna e se reconhece outro – extrovertido, franco, despreocupado dos juízos alheios. Vê-se espontâneo como Mogueime, sempre à espreita de Ouroana: “Mogueime ronda ao redor da tenda como uma mariposa fascinada pelo clarão dos brandões que sai pela abertura dos panos. Raimundo Silva olha o relógio, se dentro de meia hora Maria Sara não telefonar, telefonará ele...”³⁰.

Juntos, celebram a epifania da existência no amor.

A descrição da primeira entrega mútua do par medieval revela a ternura de Saramago pelos humildes³¹. Naturalmente felizes e verdadeiros, sem as mentiras das convenções, alcançam a paz, como também o outro par a alcançaria, apesar dos entraves culturais³².

Ficção e realidade, dessa forma, se encontram no universo romanesco. A história contada por Raimundo tem fim com a morte do almuadem, que conclamava a união de todos pela prece. Mas a história do revisor Raimundo Silva continua para além do seu ponto final.

161

Ainda Luís de Sousa Rebelo constatara, a propósito do *Memorial do Convento*, que Saramago “não é um subversor de escritas por mero intuito lúdico ou vocação do gratuito. Todo o seu processo criador é comandado pela necessidade interior da significação”. Significação que mais uma vez respeita ao “sonho do Homem acima de todas as peias sociais”³³. Mas este sonho não se situa em uma *atopia*, nem em uma *utopia*, senão que no próprio *topos* habitado pelos seus personagens. Daí que as denúncias aos falsos valores tenham razão de ser, como por exemplo o farisaísmo dos que expulsaram os mouros, vistos estes com simpatia. Realça-se, por outro lado, as maldades dos cristãos: os rios de sangue que fizeram correr, os estupros e mortes de mulheres, velhos e crianças indefesos, as “barganhas” em torno dos despojos, o modo

³⁰ *Id., ibid.*, p. 319.

³¹ *Id., ibid.*, pp. 328-9.

³² *Id., ibid.*, p. 295.

³³ L. S. Rebelo, “Os rumos da ficção de José Saramago”, p. 20.

traíçoeiro como se aproveitaram da conclamação à oração do almuadem para sinalizarem o ataque, num total desrespeito à fé dos sitiados, etc. – fatos aliás já representados alguns nas crônicas ancestrais, mas não o último, uma vez que na Crônica do Cruzado Osberno documenta-se a rendição final dos muçulmanos, e não a penetração traiçoeira na cidade pelos cristãos num momento de prece coletiva. Por outro lado, a própria *lusitanidade* de Afonso Henriques e seus comandados é questionada, através do modo insistente como é chamado de *galego*. Aliás, sabemos que, à época do cerco, o Condado Portucalense situava-se quase que totalmente no território da antiga *Gallaecia* romana, não da *Lusitania*, encontrando-se esta sob o domínio muçulmano.

162

O personagem Raimundo Silva, com a sua piedade pelo cão, que alimenta; com a sua transgressão, com os seus medos, é o contraste mais acabado dos “heróis” do passado. Heróis estes que são destronados, como vimos, uma vez que os ideais atribuídos pela tradição aos Cruzados são desmitificados, em prol do realce ao papel de seus humildes comandados – no caso, representados por Mogueime. Esta substituição do centro pelas margens, aliás uma tendência também da Nova História, apresenta-se-nos como um dos aspectos mais instigante para a comparação entre o *romance histórico* da atualidade e o do século XIX, que lhe deu origem sob a égide do Positivismo. Por exemplo, em Portugal o confronto que se impõe é não apenas com a ficção de Alexandre Herculano, ou mesmo de Almeida Garrett, mas ainda com *A ilustre Casa de Ramires*, de Eça de Queirós. Este, afigura-se-nos o ascendente mais próximo da obra de Saramago, uma vez que igualmente estabelece o contraponto entre o presente e o passado, de forma justaposta. Como Herculano, Eça buscara criticar a sua época a partir da apologia do medievo heróico, mas termina por concluir não serem os fidalgos antepassados mais que assassinos cruéis. Saramago avança no questionamento dessa heroicidade, como, a seu modo, já o fizera também Garrett.

Na impossibilidade de, no momento, desenvolvermos essas comparações, concluiríamos com a constatação de que Saramago revisita o passado de maneira “não inocente”, como preconizara Umberto Eco. Porém, muito mais que através das meias tintas da ironia, dá preferência a um modo de fazê-lo sarcástico, abertamente iconoclasta em relação aos valores, firmados nos discursos inaugurais da lusitanidade – o que, aliás, se coaduna com alguns procedimentos formais, demolidores das convenções lingüísticas (pontuação, parágrafos, etc.), mas não ao ponto de tornarem a sua escrita ininteligível. Enfim,

novamente nos deparamos com características que são uma constante nas suas obras, como a preocupação com a dignificação dos simples, bem como com denunciar-lhes a exploração pelos poderosos, pondo em cheque a constituição do centro e das margens no processo histórico-cultural do Ocidente.

Maria do Amparo Tavares Maleval
Universidade do Estado de Rio de Janeiro

Referências bibliográficas

Crônica de cinco reis de Portugal, seguida da parte da Crônica Geral de Espanha que insere as histórias dos reis de Portugal. Ed. diplomática e prólogo de A. de Magalhães Basto, Porto: Livr. Civilização Ed., [s.d.].

Duarte Galvão, *Crônica del-rei D. Afonso Henriques*, Lisboa: Portugália, [s.d.].

Eco, Umberto, *O nome da rosa*, trad. de Aurora Bernardini e Homero Freitas de Andrade, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

———, *Pós-Escrito a O nome da Rosa*, trad. de Letizia Zini Antunes e Álvaro Lorencini, Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

Fernão Lopes, *Crônica del rei D. João I da Boa Memória*. Parte Primeira, reprodução facsimilada da ed. do Arquivo Histórico Português (1915), prep. por Anselmo Braamcamp Freire, prefácio de Luís Filipe Lindley Cintra, Lisboa: Imprensa Nacional /Casa da Moeda, 1977.

Osberno, Arnulfo, *Conquista de Lisboa aos mouros em 1147*, texto latino com trad. portuguesa de José Augusto de Oliveira, prefácio de Augusto Vieira da Silva, 2. ed., Lisboa: S. Industriais da C.M.L., 1936.

Saramago, José, *História do cerco de Lisboa*, São Paulo: Cia. das Letras, 1989.

———, *Memorial do Convento*, São Paulo: Difel, 1983.

Sousa Rebelo, Luís de, “Os rumos da ficção de José Saramago” em *Manual de pintura e caligrafia*, de José Saramago, Lisboa: Editorial Caminho, 1983, pp. 7-38.